REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 223

1 DE MARÇO 1885

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando na segunda feira passada acabava de escrever a minha chronica, parava á minha porta um trem — era uma noticia má.

Um parente meu que antes de ser parente já era um dos meus amigos mais intimos, um dos meus mais queridos companheiros de mocidade estava gravemente doente — esse trem vinha buscar-me.

Fui, e hontem acompanhado por um grupo de bons amigos d'ambos, de excellentes rapazes, levávamos para a egreja dos Martyres o cadaver d'esse amigo querido.

Para mim a semana passou-se longamente no quarto do enfermo assistindo a uma agonia lenta e terrivel ao padecer dilacerante que a natureza parece ter aprendido com os antigos inquisidores brutaes, um soffrimento medonho que só terminou no sabbado á noite quando o desgraçado agonisante exhalou o ultimo suspiro nos meus braços.

Já vêem que chronica eu lhes posso fazer hoje. Ha de ser fatalmente um necrologio, um necrologio sem rhetorica e com lagrimas, que não é pensado largamente mas que é profundamente sentido.

* * *

O morto que hoje choro e cuja dolorosa agonia foi o espectaculo triste que encheu toda a minha semana passada, era um rapaz de quem já por varias vezes tenho falado n'estas minhas chronicas, um rapaz muito conhecido e estimado em Lisboa — o Augusto Alexandrino do Carmo.

Dono d'uma livraria da rua do Ouro frequentada por tudo o que ha de mais distincto e de mais alegre nas letras, no jornalismo de Lisboa, o Carmo, organisou alli como que um verdadeiro gremio litterario, onde a toda a hora se travavam as mais interessantes discussões, se faziam os mais animados debates sobre todos os acontecimentos politicos, litterarios e artisticos, que constituiam o facto do dia.

Muito intelligente, muito illustrado, com uma grande clareza de espirito e um acertado criterio, o Carmo tomava parte em todas essas discussões, parte animadissima, mesmo um pouco exaltada ás vezes, e falava, e gritava, e ria, e indignava-se, com um grande calor expansivo, com uma farta exhuberancia de vida, de vida que ella tinha tão pouca, coitado.

E todos o estimavam, todos lhe queriam, todos tinham em alta conta o seu bello caracter e a sua formosa intelligencia e por isso quando elle desappareceu da loja, ha oito dias, quando correu em Lisboa a noticia de que o Carmo estava gravemente doente, a sua casa estava a toda a hora do dia e da noite cheia de amigos, que como uma anciedade de irmãos procuravam disputar á morte aquelle amigo querido; por isso quando se soube que o Carmo morrera, houve entre todos profunda magua, lagrimas sentidas, saudades verdadeiras.

* * *

Ha mais de vinte annos que uma amisade enorme e nunca interrompida me ligava ao Alexandrino do Carmo.

Lembro-me ainda do modo como essa amisade se estreitou.

Eu conhecia de vista o Carmo, da egreja de S. Mamede.

Elle apparecia alli sempre á missa da tropa, com os seus olhos muito grandes e muito vivos, roendo as unhas, pela porta da sachristia, namorando as devotas bonitas, com o grande descaramento conquistador dos quinze annos.

Cumprimentavamo-nos, diziamo-nos adeus de longe, e depois pouco a pouco fomos cavaqueando os nossos bocados em quanto o padre não subia para o altar.

O Carmo n'esse tempo era já litterato, escrevia em jornaes, dava-se com homens de letras, com auctores dramaticos, e tinha mesmo uma peça original em ensaios na Rua dos Condes.

Eu que desde pequeno tivera a mania das litteratices, que sonhava em creança com o theatro, que representava peças originaes em theatros de papelão, tinha pelo Carmo um respeito profundo, misturado com um bocadinho d'inveja.

Aquelle homem tinha uma peça em ensaios, ia ás caixas de theatro, falava com os comicos e as comicas, e eu ás nove horas tinha que estar todas as noites em casa, porque me não dava mais largas a severidade paterna, e comicos, só de longe os via quando meu pae, n'um momento de bom humor me levava lá de vez em quando a um theatro.

Uma tarde na patriarchal o Carmo disse-me:

— Amanhã representa-se pela primeira vez na Rua dos Condes, a minha *Mulher de Talento*. Espero vel-o lá.

— Oh! com certeza, respondi logo muito lisongeado com esse convite de auctor dramatico.

Falei n'isso a meu pae, pedi-lhe, suppliquei-lhe, mas meu pae não estava n'essa noite para theatros e eu não assisti á *première da Mulher de Talento*.

O Carmo ficou um pouco offendido com a minha ausencia na sua primeira noite de gloria theatral; eu tive culpa d'isso. Envergonhan-

S. JOAQUIM, SANT'ANNA E A VIRGEM — ESCULPTURA ATTRIBUIDA A MACHADO DE CASTRO, PERTENCENTE AO SR. ANTONIO JOAQUIM NUNES (Segundo uma photographia)

do-me de lhe dizer o motivo verdadeiro porque não fôra ao theatro, não querendo dar a torcer o meu braço de menino, dei-lhe umas desculpas frias, evasivas, e só mais tarde, quando entrando na minha intimidade, viu as regras docemente severas em que eu vivia, é que comprehendeu a minha falta á *Mulher de Talento.*

* * *

As nossas relações estreitaram-se na travessa da Horta da Cera, uma travessa que já lá vae ha muitos annos.

Eu tinha um jornal chamado *Fructos Academicos*, e o Ruy Portocarrero, tinha outro o *Clamor Academico*: resolvemos juntar os dois jornaes, e dos *Fructos* e *Clamor* nasceu a *Voz Academica.*

Escrevi ao Alexandrino do Carmo uma carta muito grave e muito cerimoniosa convidando-o para fazer parte da redacção do novo jornal, dando-lhe um *rendez-vous* na casa da redacção do agonisante *Clamor* na travessa da Horta da Cera.

Effectivamente á tarde reuniu-se alli toda a redacção que ficou composta do Carmo, do Ruy Portocarrero, Luciano Cordeiro, Rodrigo Pequito, Custodio Velloso, Serrão de Faria, Alves Crespo e d'este seu criado. D'ahi por deante o Carmo e eu começamos a ser inseparaveis.

Como tinhamos as mesmas idéas de futuro, as mesmas inclinações litterarias, a mesma mania de theatro, entendiamo-nos ás mil maravilhas.

Andavamos sempre juntos, traduziamos peças, faziamos originaes, trabalhando um ao pé do outro, nas tardes de verão na janella do meu quarto na Rua da Escola Polytechnica, uma janella d'onde se via ao longe o mar, e ao pé a Maria Carolina Pereira, que mal pensava decerto, vendo-me alli a escrever peças, que ainda um dia representaria as comedias que eu escrevesse.

E ahi n'essas tardes de verão, eu com quinze annos e o Carmo com deseseis, fizemos dois *chefs d'œuvre inconnus*, elle um drama original em tres actos o *Duello* que eu achei explendido, eu um drama em 4 actos *A actriz*, que elle achou magnifico.

* * *

Tudo aquillo corria muito bem, para ser muito duradouro. A nossa vida deslisava em mar de rosas, mas um dia appareceu uma nuvem n'esse ceu sereno.

O Carmo sem mais nem mais declarou-me que ia para o Brazil dedicar-se ao commercio.

Discuti, berrei, pedi, ralhei, tudo foi inutil, e n'uma manhã ao alvorecer, eu, todo em lagrimas fui acompanhar o Carmo a bordo do *Jèrome*, um vapor enorme e negro, com que fiquei embirrando muito.

Fartei-me de chorar n'esse dia e por muito tempo tive deante dos olhos o Carmo encostado ao navio dizendo-me adeus lá de longe, com um lenço enxarcado de lagrimas.

Passadas semanas veio-me uma carta do Pará. O Carmo explicava-me o motivo da sua teima em sahir de Lisboa, e esse motivo fez com que d'ahi a cinco annos eu lhe chamasse meu cunhado. Quando, porém, elle voltou do Pará, as nossas relações estreitando-se pelo parentesco esfriaram um pouco pela diversidade de vidas.

Elle vinha um negociante grave, preparava-se para ser um austero pae de familia; eu andava na vida airada, com todo o fogo enthusiasta dos vinte annos.

Quando nos encontrámos, abraçámo-nos com um ineffavel prazer, mas depois não pudemos continuar juntos a vida, como d'antes. Já não nos entendiamos, elle falava-me em negocios e em familia, eu falava-lhe em hespanholas e em ceias.

Tinhamos a mesma edade mas a mocidade d'elle já lá ia ha que tempos.

Assim estivemos uns annos juntos pelos laços de familia, mas separados pelos habitos de viver.

Finalmente a minha estroinice serenou tambem um dia: a mocidade passou-me tambem, e então eu pae de familia começei a entender-me outra vez maravilhosamente com o Carmo pae de familia, como d'antes aspirante a litterato, me entendia com elle, aspirante a litterato egualmente.

* * *

O Brazil deu ao Carmo os meios de ganhar a vida que elle lá fôra buscar, mas deu-lhe tambem aquillo que lhe não pedira, a doença para a encurtar.

O Carmo veio de lá adoentado e nunca mais teve em Lisboa uma hora de perfeita saude.

Começou a labutar incessantemente pelo ganha pão, para arranjar uma vida confortavel e tranquilla para a mulher e para os filhos, e foi um trabalhador heroico.

Luctou até ao fim, experimentado pelos mais rudes golpes da advercidade.

O ultimo d'esses golpes foi profundo e mortal — arrancou-lhe do seu lado, com uma brutalidade cruel, sua mulher. Matou-a em oito horas com essa doença estupida e rara que se chama eclampsia, e o Carmo nos primeiros dias do anno de 1884 encontrou-se só no mundo, com tres creanças pequenas que com o riso da inconsciencia infantil vestiram o lucto de sua mãe.

O Carmo ficou anniquilado. Aquella separação brutal esmagou-o

Não teve forças para reagir, nem procurou tel-as.

Começou então a falar sempre na morte, com a serenidade convicta de quem sabe perfeitamente o que diz.

Deixou-se estar na casa em que sua mulher morrera, vivendo apenas n'um quarto que nos primeiros dias da catastrophe, improvisára na casa de jantar. Ahi esteve um anno e cincoenta e cinco dias, sem se atrever a mecher n'um dos moveis sequer das outras casas, com a despreoccupação negligente de um viajante que se aloja n'um quarto qualquer de hotel, sem se importar se é bom ou mau, visto que parte no dia immediato.

O Carmo desde que sua mulher morreu nunca mais viveu n'aquella casa; esteve alli de passagem.

Sabia que não se demorava, coitado! n'este mundo não valia a pena estar a refazer o ninho.

E não se enganou o pobre Carmo.

* * *

Na segunda feira passada, á tarde procurou-me um primo meu e d'elle, o Augusto Lobato, que n'este triste lance da doença do Carmo deu prova d'uma dedicação extraordinaria, d'essas dedicações que fazem a gloria sagrada das irmãs de caridade, para me avisar que o Carmo estava muito mal.

Corri a casa d'elle sobresaltado; não era necessario ser medico para comprehender de ha muito que aquelle organismo estava completamente deteriorado e que o mais pequeno desiquilibrio seria o desenlace fatal. O Carmo estava sentado na cama, meio suffocado, padecendo horrivelmente.

Apenas me viu e nos momentos em que as agonias o deixavam dizer algumas palavras, disse-me como queria o seu enterro e recommendou-me os seus trez pequenos filhos.

Era tão profunda a convicção com que elle falava da morte, que já sentia tão proxima, que nenhum de nós, nem eu, nem o Augusto, nem o Mendonça e Costa, um amigo inseparavel d'elle, um velho companheiro tambem da nossa alegre mocidade, nos atrevemos a contrarial-o, a dizer-lhe as banalidades triviaes que se dizem em consolação áquelles que vão morrer.

No dia immediato a doença caminhára velozmente: o Carmo já não falava senão raras vezes: gemia e gritava como um condemnado.

Empregaram-se todos os esforços da sciencia: graças a uns medicamentos energicos ordenados pelo dr. Ravara e pelo dr. Schultz, dois illustres medicos, que procuraram avidamente até ao fim encontrar um momento de reacção n'aquelle organismo condemnado, o pobre enfermo teve ainda uns pequenos momentos de linitivo. Mas a natureza não quiz, e no sabbado, ás 10 horas e meia, depois de ter passado o dia melhor, o Carmo morreu sem agonia violenta, serenamente, como que se, cansada finalmente da brutal crueldade com que o tratára, a doença quizesse fazer-lhe a amabilidade de o deixar morrer socegado.

E depois d'uma semana assim que chronica queriam que eu fizesse hoje?

Gervasio Lobato.

ANTONIO MONTEIRO REBELLO DA SILVA

Ao irmos falar d'este distincto clinico homœopata não nos move a paixão por este ou por aquelle systema medico, porque temos para nós que os diversos systemas medicos são como outras tantas religiões, em que cada qual crê ou descrê, conforme a fé da sua consciencia.

Falaremos, portanto, de Rebello da Silva como de um desvelado cultor da sciencia de Esculapio, que elle exerce com uma intelligencia pouco vulgar e com uma caridade digna do sacerdocio.

Não vimos com isto dar novidade nenhuma, mas unicamente consignar aqui esta verdade geralmente reconhecida, na grande popularidade que rodeia Rebello da Silva.

Medico desde 1875, tem no espaço de 10 annos adquirido uma reputação solida, quer no palacio do rico, quer na modesta habitação do pobre, porque elle acode a toda a parte com a mesma sollicitude, com o mesmo interesse.

E é assim que se comprehende a vida do medico, que põe o seu sacerdocio acima de um commercio mercenario, em que dê a sua sciencia unicamente a troco de boa paga.

Hoje n'este meio materialista e interesseiro, podem-se apontar a dedo os que assim procedem, e por isso o povo tambem não é avaro em lhe testemunhar o seu reconhecimento.

Antonio Monteiro Rebello da Silva é filho de José Monteiro Lopes da Silva e nasceu em Mesão Frio a 25 de fevereiro de 1848.

Principiou a sua educação litteraria no seminario de Coimbra, e principiou-a auspiciosamente, com grande aproveitamento e distincção. D'alli passou para o Porto onde completou os primeiros estudos no lyceu, seguindo depois os preparatorios na Escola Polytechnica, e matriculando-se por fim na Escola Medica do Porto.

N'esta escola, porem, só frequentou o primeiro anno, porque emigrou para Lisboa, onde veiu concluir o seu curso, na Escola Medica da capital.

Rebello da Silva seguiu então o systema homœapatico por convicção, e tem exercido a clinica com tanto acerto e felicidade que é hoje um dos medicos de maior nomeada em todo o paiz, porque de todos os pontos de Portugal vem gente consultal-o e procurar remedio para suas enfermidades, no consultorio da rua da Bitesga.

Este consultorio é talvez o mais concorrido de Lisboa, e para o provar bastará dizer, que o seu movimento anda por 150:000 doentes por anno.

Para se chegar a um tão fabuloso resultado é preciso que Rebello da Silva trabalhe extraordinariamente, e não sabemos de outro medico que tenha uma clinica tão numerosa.

É porque além do medico experimentado e estudioso, ha o homem altamente humanitario no zelo e no carinho com que cuida dos enfermos, ha a sua presença agradavel e serena, que enche de confiança o doente, que o anima, que lhe dá esperança, e essa esperança é na maioria dos casos fundada, porque Rebello da Silva tem tido a grande fortuna de curar muitos desesperados de cura e de minorar muitos soffrimentos de longa data.

Até aqui o medico, agora o artista.

Rebello da Silva tem um verdadeiro culto pelo bello. A sua casa revela o gosto e o espirito d'um puro artista.

A par das obras primas de litteratura encontram-se as obras d'arte da esculptura, da pintura e do desenho. Os moveis que guarnecem a sua casa tem-os ido buscar aos primores d'arte que floresceram nos seculos anteriores, e tudo isto é reunido com o mais requintado bom gosto e conhecimentos artisticos.

A casa de Rebello da Silva é um pequeno museu d'arte, e honra sobremodo o espirito do seu possuidor.

Só um espirito illustrado e intelligente é susceptivel d'estas paixões.

Rebello da Silva, nas raras horas em que póde descançar do seu assiduo estudo e trabalho, retempera o espirito n'aquellas bellezas artisticas que o cercam, entrelaçando, por entre as longas horas arduas consumidas no serviço da sciencia e da humanidade, alguns momentos de poetico enlevo, como balsamo consolador no meio de tantas miserias da vida.

Este amor pela arte completa o amor pela sciencia que distingue Rebello da Silva, e revela-nos que ha alli uma alma bem formada, tão apta a interessar-se pelos males do seu similhante, como a enthusiasmar-se pelas manifestações do talento, supremo orgulho da creatura, que mais a approxima do seu creador.

Felizes os que sentem e comprehendem estas duas grandes forças da humanidade: a caridade e o talento.

Caetano Alberto.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. JOAQUIM, SANT'ANNA E A VIRGEM MARIA

Esculptura attribuida a Machado de Castro

Estamos em presença de uma obra d'arte de primeira ordem, attribuida a Machado de Castro, auctor do monumento a D. José I, na praça do Commercio, em Lisboa.

O limitarmo-nos a dizer que esta obra é attribuida a Machado de Castro, não passa de ser o escrupulo que sempre deve acompanhar uma affirmativa que não se baseia em provas incontestaveis, e n'este caso a prova irrefragavel seria a obra estar firmada pelo auctor, o que não está.

Posto isto, que nos impede de dizermos abertamente que a esculptura em questão é de Machado de Castro, tudo o mais nos leva a crêr que a obra fosse executada pelo afamado esculptor, porque n'ella se revela, logo á primeira vista, o estylo d'aquelle notavel artista.

Ignora-se a proveniencia d'esta obra d'arte, e a sua historia só é conhecida desde 1867, em que o sr. Antonio Joaquim Nunes, commerciante estabelecido na rua da Prata, n.º 243, a comprou a uma senhora moradora na travessa da Cara, a qual senhora já morreu ha alguns annos.

O sr. Nunes comprou esta imagem por se ter agradado muito d'ella, mas ignorando completamente que fosse uma obra d'arte de grande valia, tanto mais que, tendo ella estado em exposição n'um estabelecimento da baixa frequentado por pessoas illustradas, ninguem lhe dera valor para a comprar!

Em 1882, por occasião da exposição d'arte ornamental, o sr. Nunes, aconselhado por alguns amigos, resolveu expôr em publico aquelle grupo, e para isso se dirigiu á commissão da exposição e lhe apresentou a obra que desejava expôr. O grupo foi acceite para ser exposto, e, segundo o sr. Nunes diz, houve um membro da commissão, o sr. Teixeira d'Aragão, que propoz a compra do referido grupo, ao que o sr. Nunes não annuiu, por não ter ainda resolvido desfazer-se d'elle.

Por essa mesma occasião sabia o sr. Nunes da bocca do professor Lupi, hoje fallecido, que o grupo era uma obra d'arte de primeira ordem, que o seu auctor devia ter sido Machado de Castro e que o seu valor estimativo era grande, porque não havia outra assim.

Esta revelação do insigne e auctorisado professor foi para o sr. Nunes uma verdadeira surpreza, que o deslumbrou e lhe mostrou toda a justiça com que elle havia 15 annos contemplava dia a dia aquella maravilha, que o tinha attrahido desde o primeiro momento em que a vira.

Foi ainda esta revelação que mais lhe firmou o proposito de não vender o seu precioso thesouro, quando o sr. Aragão lhe propoz compral-o, e a fazer reconhecer a vantagem d'expôr a esculptura, como meio de melhor se certificar do seu valor, pela critica que ella necessariamente despertaria.

Não teve, porem, essa satisfação, porque a esculptura não foi exposta! Não se poderam tirar a limpo os motivos que determinaram esta exclusão, e o sr. Nunes, cansado d'esperar que lhe expozessem o grupo, retirou-o da Academia pouco antes de se encerrar a exposição.

Para um objecto que tantos annos esteve ignorado, não deixa já de ser curiosa a historia principiada em 1882.

Este facto levou o sr. Nunes a fazer a exposição publica do grupo no seu proprio estabelecimento de chá e mais generos, a que já nos referimos. Convidou a imprensa a examinar aquella maravilhosa esculptura, e o facto entrou no dominio publico. A concorrencia foi grande, e d'esta vez appareceram muitas pessoas nacionaes e estrangeiras, que apreciaram devidamente a grande obra que tinham diante dos olhos, chegando a fazer offertas para a comprarem.

Isto influiu consideravelmente no espirito do sr. Nunes, que, reconhecendo cada vez mais o valor que possuia, aguçou-lhe o desejo de reduzir esse valor a dinheiro, e portanto de vender a esculptura.

Mandou então tirar photographias do grupo, de que distribuiu alguns exemplares a varias pessoas de competencia, enviando outros para os museus da Europa e da America.

Pouco depois recebia algumas propostas de compra, sendo de Londres a mais importante, de onde tambem lhe manifestavam o desejo de ver o original.

Esse desejo foi satisfeito, e a singular obra attribuida a Machado de Castro lá levou o caminho de tantas outras preciosidades artisticas que teem sahido de Portugal para os museus estrangeiros.

A esculptura está actualmente em Londres, e talvez vendida por uma somma que não obteria em Portugal.

Estes factos repetem-se, desgraçadamente, quasi todos os dias, e não obstante nós temos um museu de bellas-artes, onde deviam figurar essas obras, de que o paiz dia a dia se vae despojando.

Mas como será possivel evitar este desbarato, se a dotação do museu não chega sequer para occorrer ás mais impreteriveis despezas, dando-se o facto de não se poder ir tomar conta das obras d'arte existentes em alguns conventos de freiras que se teem extincto, por falta de meios para essas despezas, e só com grandes difficuldades se obtem uma ou outra pequena verba para a acquisição d'alguma obra de mais modesta exigencia?

D'isto resulta que, tanto nos museus particulares como publicos do estrangeiro, se vejam mais obras d'arte ou de valor historico portuguezas ou que pertenceram a Portugal, do que nos nossos museus.

A esculptura representada na gravura da nossa primeira pagina, devia ser das obras que mais cuidadosamente se conservassem no paiz, porque são das mais raras, e no seu genero não conhecemos outras que a excedam.

A gravura dispensa-nos de uma minuciosa descripção, e por isso apenas diremos que o grupo mede cerca de 0m,50 de altura e que está resguardado por uma maquineta dourada primorosamente entalhada, no gosto do seculo passado. A expressão das figuras é d'uma realidade surprehendente, á excepção da cabeça da Virgem, que é um pouco desproporcionada, no que o auctor obedeceu á convenção mystica, como tantos outros artistas notaveis.

Com prazer, pois, archivamos em nossas paginas a copia d'esta obra d'arte, já que o original sahiu de Portugal para, talvez, não voltar.

ALAMEDA DE S. PEDRO DE ALCANTARA

No ponto mais elevado da montanha que, pelo oeste, domina o valle, em que está construida a cidade baixa de Lisboa, assenta o aprazivel Passeio de S. Pedro de Alcantara, estendendo a sua alameda assombreado por gigantescas arvores, pela parte da montanha comprehendida entre o Largo de S. Roque e a rua do Moinho de Vento, hoje de D. Pedro V.

Este ponto elevado da cidade deixa disfructar o extenso panorama de Lisboa como um enorme leque que se abre, tendo uma das extremidades a NO. e a outra ao S. tocando na margem direita do Tejo ao longo da qual corre a extensa fila de montanhas, deixando descobrir n'estas, desde o castello de Almada até ao Barreiro, onde a vista se perde na grande distancia a que fica este ponto.

É um panorama soberbo, a que os filhos de Lisboa pouca importancia ligam por isso mesmo, que o tem sempre deante dos olhos, mas que surprehende e extasia qualqner viajante que visite a capital.

A pag. 11 e 13 do 4.º volume publicámos uma estampa desenhando varios pontos do Passeio de S. Pedro de Alcantara, e um artigo respectivo; hoje este passeio tem soffrido algumas modificações, e substituiu a falta do Passeio Publico do Rocio, que cedeu o seu logar á nova praça dos Restauradores e a Avenida da Liberdade.

Lisboa ganhou tudo com isso, porque a Avenida da Liberdade é um dos melhoramentos municipaes que mais tem embelezado Lisboa, e ninguem sensato lamentará a ausencia d'aquella jaula de flôres chamada Passeio Publico, que a Camara Municipal transformou em uma larga avenida onde ha ar e luz e a vista se perde na sua grande extensão; e porque com a demolição do Passeio Publico os habitantes de Lisboa, passaram a frequentar mais o Passeio de S. Pedro de Alcantara, onde encontram muito melhor ar para respirar e muito mais distração para os olhos, que no passeio demolido.

O Passeio de S. Pedro de Alcantara é actualmente o ponto de reunião dos habitantes de Lisboa, que tinham por habito reunirem-se no Passeio Publico, aos domingos a ouvirem a musica e a respirarem poeira.

A musica passou para S. Pedro de Alcantara, mas a poeira, ficou onde estava, com o que muito lucraram os pulmões dos dilettantes do Passeio.

A nossa gravura representa a alameda que fica superior ao jardim, porque o Passeio de S. Pedro de Alcantara á semelhança dos jardins de Babylonia, compõe-se de dois pavimentos. Aquelles compunham-se de quatro e mais.

BÔMA, NO ZAIRE

Bôma está situada na margem N. do Zaire cerca de 100 kilometros acima da sua embocadura.

Esta povoação composta de feitorias, pela maior parte estrangeiras, que são as mais importantes, é das que, juntas com Banana (1) Porto da Lenha, Vivi e outras de menor importancia, foram cedidas por Portugal á Associação Internacional Africana, na conferencia que acaba de se encerrar em Berlim.

Do territorio ribeirinho cedido ao novo Estado do Congo, Bôma é um dos pontos mais importantes pelo commercio ali estabelecido. Existem ali uma feitoria ingleza de Hoton & Cookson; duas de João Luiz da Rosa, sendo uma chefe ou centro de filiaes que se dessiminam pelas margens do Zaire; mais tres portuguezas de Manuel Joaquim d'Oliveiro, Valle & Azevedo e Manuel Ferreira da Costa; uma franceza e outra de Isaac Zagury que pertence actualmente a uma companhia ingleza; e uma da companhia belga estabelecida depois da expedição de Stanley. A feitoria da companhia belga é já uma das melhores de Bôma e esta companhia comprou, em Banana, por 4:500$000 um grande terreno onde vae construir outra feitoria, que parece será uma feitoria chefe, centro de outras filiaes que vae estabelecer para a exploração do commercio do alto Zaire. O capital que esta companhia tem em giro é superior a 1.000:000$000 réis.

É tristemente verdade que o nosso commercio em Africa é o mais apoucado de todos muito especialmente no Zaire, e sem capitaes importantes impossivel será libertal-o da preponderancia do commercio estrangeiro, que tem em suas mãos o fornecimento do pequeno commercio.

Bôma deixou, pela convenção firmada na conferencia de Berlim, de estar sob a tutella portugueza, mas o nosso prestigio sobre os naturaes continuará a ser o mesmo, porque os povos africanos não acceitam o trato dos européus que não sejam portuguezes.

O nosso prestigio é tão forte e tão enraizado n'aquelles povos, que devéras desperta a inveja dos estrangeiros e se torna o mais sério obstaculo para entrarem em negociações com os pretos.

Vem a proposito referir um facto bem frisante contado pelo sr. dr. Francisco Antonio Pinto na conferencia sobre o Zaire, realisada no salão da Trindade.

«Uma casa hollandeza, aguilhoada pela necessidade, creou em Rotterdam uma escóla de portuguez, onde iam aprender esta lingua os seus empregados antes de seguirem para a Africa. Nada conseguiu com isso, porque o preto distingue o portuguez falado por um portuguez que para elle é o branco, do portuguez falado pelos estrangeiros, e por isso quando estes se lhe dirigiam, elles respondiam: *fala lingua de branco mas não é branco* e não negociavam com elles.»

Isto obriga as casas estrangeiras a tomarem ao seu serviço empregados portuguezes, para poderem commerciar com os naturaes.

Parece-nos que esta indisposição dos naturaes do paiz contra os estrangeiros, será mais difficil de vencer que a campanha da conferencia de Berlim.

Tudo nos leva a crer no grande resultado que se podia esperar de feitorias portuguezas estabelecidas com bons capitaes, que lhe permettissem o monupolisar o commercio com o interior, em vez de estarem sujeitas ao commercio estrangeiro; e essas feitorias bem dispostas, chamariam a preferencia dos naturaes, e pouco nos podia assustar a influencia de estrangeiros ou o novo Estado do Congo que tem contra si, além de muitas outras difficuldades, a antipathia dos naturaes do paiz de que o mesmo Estado se julga, por ventura, directo senhor.

UM TRAJE DE MULHER DA ILHA DO FAYAL

A ilha do Fayal é uma das mais formosas do archipelago dos Açores, situada a 38º e 31' de latitude N. e 19º e 33' de longitude O. de Lisboa. Abrange uma superficie de 35 kilometros de comprimento por 20 de largura. O numero dos seus habitantes é de cerca de 24:000, com 5:400 fogos distribuidos pela capital da ilha e 9 aldeias além de outras pequenas povoações.

A nossa gravura representa uma mulher d'essas aldeias em seu traje caracterisco, que tem bastante de singular, com quanto tenha certa semelhança com os trajes mirandezes na provincia de Traz-os-Montes.

Se considerarmos que o clima da ilha do Fayal é muito temperado, ainda mais nos deve surprehender aquelle rodado capote de panno com um tão abundante capuz, mais proprio para resguardar do frio, do que para ser usado n'um clima quente, onde crescem as bananas e os ananazes.

Ha muitas d'estas contradicções nos habitos do povo, muito especialmente entre as povoações que, como esta, se formaram por meio da colonisação que lhe levou os costumes dos colonisadores, embora esses costumes se modifiquem com o andar dos tempos.

Os Açores principiaram a ser colonisados pelos flamengos em 1466, por cedencia que el-rei D. Duarte fez a sua irmã D. Isabel de Borgonha, mãe de Carlos, o Temerario, e só depois, por 1500,

(1) Vid. Occidente, vol. III, pag. 13.

LISBOA — Alameda de S. Pedro de Alcantara (Segundo uma photographia)

é que os portuguezes povoaram progressivamente aquellas ilhas.

Este traje resente-se evidentemente da edade media e resta saber se alli o deixaram os flamengos ou alli foi levado pelos portuguezes.

Seja como fôr, é certo que elle pouco se coaduna, quer com o clima da ilha quer com os habitos folgasões dos fayalenses, muito dados a dança e divertimentos, e ainda menos a fazer realçar a belleza das fayalenses, que são em geral formosas e de boas fórmas.

O QUARTO SALÃO

(Concluido do n.º 220)

O artista que mais se tem mostrado n'um parentesco feliz com Silva Porto, é o seu antigo discipulo Antonio Ramalho; mas nos varios quadros que agora expoz, mandados de Paris onde estuda, noto uma saliente transição da sua maneira, em que uma virtuosidade d'officio abafa assustadoramente a espontaneidade vibrante d'impressão, e em que as finuras astutas do pincel substituem, com mau proveito, a franqueza talvez rude, mas vencedora, do toque impregnado e como fremente de verdade. Claramente, o estimado pintor anda nostalgico do nosso airado sol, que doura as messes e enflorece os cardos, e as nuvens inhospitas do norte ensombraram tristemente a sua paleta garrida e jocunda; e sem duvida porque as frias paysagens brumosas e humidas, que hoje em dia visita, lhe não emocionam vivamente a sua fibra ardente de colorista, concentra no trabalho compensador da feitura todo o seu escrupulo artistico. De maneira que, em absoluto, a sua pintura é progressiva, — porque se demora sem esforço na observação lucida das cousas, e vae adquirindo uma firmeza de desenho que a tempera solidamente; mas ao mesmo tempo mostra-se contrafeita, amuada com as terras nevoentas do exilio; e carecida, para brilhar livremente, da alegre paysagem meridional orgiaca de côres sob a luz cantante, póde descahir funestamente no terrivel perigo dos artificios queridos.

A sua *Paysagem de Poissy*, denota um requinte d'execução summaria, que produz um effeito monotono e desagradavel na sua uniformidade cinzenta; mas é encantador o pequeno estudo de *Fontenay-aux-roses*, com o vulto redondo da romanzeira serapintada pelas nodoas ruivas dos frutcos, no meio dos verdes campos sem sol, ao passo que as movimentadas figurinhas do primeiro plano do elegante quadro *No jardim do Luxembourg*, são tocadas espontaneamente com uma delicadeza espirituosa, embora certa senhora escorçada á direita se ageite mal; o verdejante arvoredo tumultuoso do segundo plano, tratado apenas em massas de côr, com uma presteza demasiadamente sobria, prejudica um pouco o conjuncto d'esta fresca tela interessante. A *nesga de Paris* é uma obra de mais amplo folego, d'uma execução vigorosa no seu divertido amontoamento de casarias turbulentas, ao centro das quaes se ergue severamente a monstruosa mancha acocorada de Notre-Dame, — feita brutalmente, — em quanto que no horisonte, sob a carregada atmosphera nublenta, se esfuma aereamente uma doce bruma parda e azul, que encheria de prazer Gérard de Nerval. O primeiro plano, onde sobre a margem arrelvada dois homens de blusa, em pé, parecem guardar uns barcos pintados de tintas vivas, as pôpas soltas ao pégo nas grossas aguas baças do Senna, é d'uma largueza de toque e d'uma correcção franca de desenho inteiramente admiraveis.

ANTONIO MONTEIRO REBELLO DA SILVA (Segundo uma photographia de Fillon)

Reacho no quadrinho, em que figura um vistoso canto do museu de Cluny, o artista todo entregue ao jubilo da triumphante côr luminosa. E um pedacinho de pintura deliciosamente pittoresco, com o effeito sumptuoso dos seus accumulados tons amarellentos formando como um ambiente quente e louro, em que destaca em escuro o busto d'um visitante. Lembra quasi uma miniatura, magistralmente executada.

Columbano Bordallo revelou-se d'esta vez um galante retratista, que sabe pôr uma arte delicada e brilhante ao serviço da sua fina observação ligeiramente ironica, — tão indiscreta, que n'uma

AFRICA PORTUGUEZA — BÔMA, NO ZAIRE (Segundo uma photographia de Moraes)

cabeça de senhora toda ataviada luxuosamente de tafularias de trajos accusa, pelo modelado cruelmente sincero das carnes, certos estragos dos annos que jámais param. Não conheço pintor portuguez capaz, como este, de tocar com tanta verdade surprehendente todos os bonitos estofos de reflexos laminados, e as leves plumas vaporosas como rosados farrapinhos de nuvens auroraes; e como deu um bello ar de vida palpitante aos modelos, os seus pequenos retratos de duas senhoras são magnificos, e tão perfeitamente desenhados como o retrato do dr. Level. Quanto ao do satisfeito e refestelado Manuel Gustavo, d'uma soberba naturalidade, noto que o desenho em mancha do corpo sentado e anguloso nem sempre é regularmente apontado.

O largo esboço que Columbano apresentou, para um quadro intitulado, se bem me lembro, *A fifia*, tem as naturaes incorrecções d'um trabalho d'ensaio, — em que o artista legitimamente se não preoccupou com o acabamento indispensavel a uma obra definitiva, — mas está já valentemente indicado no seu curioso movimento humoristico; e as figuras do lugubre pintalegrete da flauta e do gordo conego, — a sadia corpulencia e a risonha cara rapada o denunciam, — tombado sobre o seu violoncello, são apanhadas com uma segura vivacidade certeira, que desgraçadamente não tocou ao corpo atrophiado da pobre senhora, talvez anã, que tange o piano, e mal serve de pretexto para um vestido bem pintado. Comquanto por ora a composição original fluctue n'um fundo uniformemente esbranquiçado, onde se não distingue um chão, nem uma parede, nem sequer o vasto espaço pardo de nevoeiros, creio que, quando este esboço fantasista se transformar n'um quadro seriamente estudado, Columbano terá feito uma boa obra resistente.

Na *Fifia*, especie de capricho goyesco, não se manisfesta, conforme pretendem, uma nefasta tendencia caricatural; mas accentuam-se evidentemente as singulares disposições d'este pintor para observar, colher rapidamente os aspectos comicos da realidade, e para os moldar n'uma elevada pintura, que ha de certamente tornar triumphante o trabalho aferrado, — o rude labor continuo que faz de todos nós outros, que com o pincel e a penna e o escopro expressamos idéas e fórmas, uns simples obreiros esbaforidos e luctadores Os quadros d'este genero, porém, representam como que uma ramificação litteraria da pintura; e para não parecer, por exemplo, estacionario na exploração jocosa da melomania, Columbano deve pedir ao livro uma constante renovação intellectual.

Não acho á altura do ousado artista o extravagante quadrinho *No meu atelier;* é uma triste trapalhada, sem valores, desenho cahotico. A tela em que pousa galhardamente *Um typo*, daria gosto a um velho mestre hespanhol. E a *Camponeza* de Fontainebleau, estylo Millet, tem sentimento e caracter, com as suas roupas terrentas, e o seu severo perfil d'uma resignação melancholica, a cabeça inclinada como sob uma secular e esmagadora herança de miseria.

Malhôa emprehendeu energicamente uma obra d'arrojo, com o *Viatico ao Termo*, — o bom abbade aldeão que passa n'um caminho de monte, escarranchado n'uma alimaria lazarenta, paramentado e abrigado do estival calor sob a umbella alvacenta, emquanto alguns serranos o cercam a pé, devotamente, contentes sob as suas opas vermelhas, e em mangas de camisa porque decerto abandonaram á pressa o trabalho rural, chamados para o acompanhamento caridoso. O cavallo é molle, parece empalhado, e os homens que o seguem perdem-se n'um grupo confuso, difficil d'explicar na plena luz aberta e exultante do quadro; mas, no segundo plano, as cabeças queimadas, encorreadas pela idade, de dois rijos velhos, são admiravelmente tratadas, e á frente, os grupos de mulheres ajoelhadas estão bem postos, procurados com uma habilidade feliz, — e compromettem justamente o rapazola da campainha, d'um desenho duro e desproporcionado. Nas sombras, Malhôa abusa do preto.

A silvestre paysagem largamente pintada, e a atmosphera transparente e limpida, completam harmonicamente este notavel quadro, onde o talento corajoso do artista quiz fazer uns desafogados estudos de figura, que, afinal, não peccam por grossos defeitos, e valem pelo conjuncto animado do desconhecido espectaculo d'um costume sertanejo.

O que me fere nos diversos trabalhos expostos por Malhôa, é a sua falta d'estylo, d'uma unidade de factura, — que lhe evitaria o disparate de pôr uma cousa deploravel e falsa, como a supposta *Fiandeira* do Minho, ao lado d'uma deliciosa mancha, como a *Silhouette* de Toledo, superiormente tocada, e toda intrincada com as suas rendilhadas torres e agulhas esguias, elegantemente alçadas n'uma confusão de telhados da antiga cidade famosa, onde as legendas christãs se abraçam e casam com as tradições mouras.

Vaz furtou tambem limpamente um becco estreito de Toledo, *Callejon del vicario*, uma telasinha magnifica, executada com um vigor são, á qual se póde bem emparceirar a *Casa de D. Maria Telles*, em Coimbra. Mas a maneira d'este pintor ainda é incerta, e se n'alguns dos seus quadros se nota o toque fresco e gordo, intenso, e amante da verdade, n'outros mostra-se atrazadamente amigo de falaces convenções traidoras, como no pequeno quadro *Ao pôr do sol*, em que debaixo d'um ceu tenuemente dourado se perfila a massa negra d'uns pinheiros debruados a carmim, ao mesmo tempo que o chão mattagoso se ensanguenta d'uma vaga claridade. Com a treva do primeiro plano a contrastar duramente com a rebuscada luz do segundo, isto brilha, mas mente. Prefiro admirar e applaudir o effeito bello e simples da *Pesca das lulas*, pintura sobria, illuminada e calmosa, d'uma grande harmonia serena, com o seu barco isolado na planura mansa das aguas; assim como o embaraçado agrupamento dos *Barcos no Sado*, os bordos avivados pittorescamente de côres berradoras, riscos de mastros desencontrados, velas poupadas pelo vento preguiçoso, emquanto que as projecções, talvez pesadas, furam tremulamente a agua crespa, que se alarga n'uma variedade de indecisos tons estudados com uma observação perfeita.

O *Mestre da canôa* é um estudo de figura trivial, mal succedido; sobretudo a cara parece de barro cosido, e as fundas rugas lembram frinchas.

Tem um primeiro plano interessante, atravancado de pescadores com trajos denegridos, barulhando por entre grosseiros barcos encalhados, o *Leilão da pesca*, de Vieira. No segundo plano, porém, a esverdeada e pacifica nesga de mar empasta-se confusamente, e as rochas sobranceiras que a cortam até ao horisonte estão fóra do seu logar perspectico, de modo que dão a todo o quadro uma apparencia desengonçada. O frondente e espesso arvoredo da *Quinta velha*, enfarruscado de tracinhos negros que aspiram insensatamente á distante jerarchia de troncos, precisa d'um desenho mais definido, e mesmo a verdura é excessivamente tenra. E as fortes qualidades de Vieira, como colorista, apparecem francamente só n'uma *paysagem de Cintra*, onde sob a ardencia da luz cegante um montão de casaria se assenta ás costas d'um môrro penhascoso e verdenegro.

Tão naturaes e viçosas, habilmente tocadas, as suas *Rosas* devem cheirar bem.

Gyrão apresentou, entre outros, dois quadritos com grupos engraçados de coelhos, e um excellente trabalho seguramente observado e executado, *Uma familia*, — ninhada numerosa de pintainhos rodeando a gallinha *mãe*, como diz a bôa gente da minha terra. Christino, este anno, perdeu a partida; todos os seus quadros gritam desordeiramente n'uma gamma estridente e crua do peior effeito. E o sr. Pinto concorreu com uma larga téla, *Na ribeira*, — dois bois que bebem, desenhados pacientemente, mas tibiamente pintados; e ao fundo, uma absurda verdura, aspera, esfumada, e sombria, onde se recorta exoticamente um arco de folhudas orlas penetradas, bordadas de sol.

É d'uma fantasia bysantina.

Monteiro Ramalho.

OS CONFIDENTES

(Continuado do n.º 220)

Thereza.

Como tu mesma te enganavas!

O Bernardo não é differente do commum dos homens. Não lhe nego as qualidades, que, á primeira vista, o podem tornar um rapaz sympathico e talvez attrahente; mas, minha querida, chegado o momento fatal, os defeitos apparecem, e reduzem-no então ás proporções d'outro qualquer simples mortal. Eu vou contar-te o que se deu n'outro dia no ultimo passeio que fizemos, e dir-me-has se tenho rasão. Antes d'isso preciso de te dizer que é assim que explico uma phrase que deixei incompleta e um pouco vaga na ultima carta que te escrevi. Na manhã em que fui passeiar a cavallo, o Bernardo, quando voltavamos para casa, aproximou-se mais de mim. Tinhamos deixado passar á frente a carruagem em que vinha a tia Dorothéa e o papá, para darmos uma galopada. Quando seguiamos depois, a passo, n'uma grande parte do caminho que é todo coberto pela folhagem das grandes arvores, que ha d'um e d'outro lado da estrada, era-nos forçoso, ás vezes, dobrarmo-nos sobre o pescoço do cavallo, por causa dos ramos que nos chegavam á altura dos olhos. Foi n'uma d'essas occasiões que o Bernardo, ao dobrar-se, obrigou o cavallo a aproximar-se do meu, e me pediu baixo se eu lhe aceitava uma carta! Imagina tu como eu fiquei surprehendida, vendo o Bernardo commetter um d'estes actos communs a todos os namorados da provincia! Olhei muito seria para elle, para ver se era ou não brincadeira o pedido; e, quando elle o repetiu, respondi-lhe redondamente que não, e desatei a rir. Como pódes calcular, seguiu-se o momento de silencio proprio d'estas situações; e foi necessario que eu mais tarde, para que não fossemos alli mudos como duas estatuas equestres, recomeçasse a conversa sobre outro assumpto. Elle respondeu-me apenas com monosyllabos, e havia na sua voz um tom, que te não posso dizer se era de furia, se de tristeza. Quando iamos a chegar a casa, tive dó do rapaz, e expliquei-lhe então a serio a minha recusa. Disse-lhe que achava dispensavel e talvez ridicula a troca de cartas, quando elle tinha toda a liberdade de vir a nossa casa, e me podia falar quando quizesse. Agradeceu, retirou-se amuado, e esteve dois dias sem vir á Ribeira! Vês tu o vulgar dos homens?!...

Foi preciso que eu mandasse um criado nosso e em meu nome saber se estava doente, e perguntar-lhe porque não apparecia. Voltou então n'essa noite, conversou pouco comigo, e jogou o *whist*. Eu, de proposito, logo que principiou o jogo, fui collocar-me a um canto da sala, d'onde o podia observar á minha vontade; e toda a noite estive entretidissima a ver como elle, de vez em quando, levantava os olhos das cartas e os percorria pela sala á minha procura. N'essas occasiões eu dobrava-me logo sobre o bordado; e, quando acontecia por acaso que os nossos olhares se encontravam, era sempre o Bernardo que retirava carrancudo, para d'ahi a um momento continuar na mesma. O papá chegou a impacientar-se, e perguntou-lhe porque estava tão distrahido; e eu tive de morder os beiços para me não rir, quando elle explicou que andava um pouco preoccupado com as obras que trazia na quinta.

Antes de partir, veiu sentar-se algum tempo entre mim e a tia Dorothéa; e perguntou á tia se conhecia a filha do visconde de S. Mauricio. A tia disse-lhe que a conhecia pouco; e então elle fez-lhe os maiores elogios! Era uma rapariga elegante, formosa, cheia de qualidades, educada no *Sacré-Coeur* de Paris; não se podia ninguem aproximar d'ella, que não ficasse logo encantado... Emfim, esteve um quarto d'hora a fazer o panegyrico da santa. Eu, já imaginas, ia concordando; e, de cada vez que eu confirmava o que elle dizia, então é que os elogios augmentavam!... Não calculas o que foi divertido. Pobre rapaz! Achei sympathica a ingenuidade de me suppôr tão tola que o não percebesse; e, para castigo, parece-me que não foi pequeno o não me deixar tocar por nenhum d'aquelles golpes, que me queriam ferir.

Aqui para nós, tenho quasi a certeza que o Bernardo não póde gostar da Luiza; ou então está elle muito abaixo do conceito que formo do seu caracter.

Tu conhecel-a bem. Lembras-te de quando ella esteve comnosco um anno nas Salezias, que a todo o instante falava do dinheiro do papá, e do dinheiro do avô e do dinheiro da avó? Pois creio que a toleima, longe de diminuir, refinou nos tres annos que esteve em Paris.

Disse-me a Carlota Pombal, que a encontrou este anno nas corridas de Belem, que se não faz idéa de como ella voltou! A sua preoccupação é mostrar as *toilettes*, citar o nome das modistas, e, no fim, dizer o custo. Para cumulo de ridiculo, diz tudo quasi em francez. A Carlota caturrou com ella immenso tempo, e veiu contar-me depois. O que nós ambas rimos, quando a Carlota a imitava, dizendo como ella: «N'outro dia, eu descia com o papá o *trotoir* do Chiado, e encontrei á porta d'um *magazin*...»

O visconde que é um pobre homem, adora a filha, e acha bem tudo o que ella faz!

Elle quer offerecer-nos um jantar, creio que ainda esta semana. A mim secca-me immenso ter de lá ir; mas julgo que tenho que fazer esse sacrificio á politica do papá.

Sempre lá quero ver como o Bernardo se porta. Parece-me impossivel que um rapaz intelligente se deixe prender por uma tôla d'aquelle feitio. A Luiza é galante, deve ter vestidos bonitos e sobretudo caros; mas basta abrir a bocca para mostrar a sua futilidade. E d'ahi, quem sabe!

O Bernardo tem boa casa, não me parece ambicioso; mas o pae Mauricio dizem que tem uma fortuna superior a duzentos contos, e talvez que

o brilho do oiro deslumbre a ponto de offuscar a pessoa da noiva!

Se tal acontece, Thereza, declaro-te que é mais uma desillusão que sinceramente me custa, não por mim, que não tenho despeito, nem me permitto ter a Luiza S. Mauricio para rival; mas pela falta de brio d'alguns rapazes, que a gente considera dignos da nossa estima.

Tem aqui feito um tempo delicioso. Sobretudo as manhãs e os fins da tarde são encantadores!

Não te repito isto para te dizer que venhas cá. Faço-te a justiça de acreditar que a minha presença vale para ti, minha querida Thereza, muito mais do que todas as seducções da natureza.

Mil beijos da tua

Helena.

(Continúa) *Alberto Braga.*

SEMPRE LIVRE

Em vão prende o poeta a lei da sorte
Aos grilhões, á miseria, á insana lida;
Quebra os ferros su'alma, e, desprendida,
Não soffre jugo, não conhece norte.
Da fantasia nas potentes azas
Corre o globo, transcende o espaço aereo,
Atraz da viva chamma, em que o abrazas,
Fogosa inspiração, archanjo ethereo.

Ora te segue os vaporosos passos,
E comtigo divaga na campina;
Ora junto da veia cristalina
Se assenta, reclinado nos teus braços;
Ora, á sombra dos densos arvoredos,
Escuta as avesinhas prazenteiras,
Do murmurante zephyro os segredos,
Ou aspira o perfume das roseiras.

Sobe á tarde comtigo aos altos montes,
D'onde se avista a solidão do oceano,
Quando o astro do dia soberano
Mergulha nos remotos horizontes,
Quando o veo do crepusculo saudoso
Envolve o coração em doces maguas,
E pensando se esquece tristuroso,
A contemplar a immensidão das aguas.

Depois, quando de estrellas aos milhares
A abobada celeste a noite accende,
Ou a pallida lua o espaço fende,
Illuminando o ceo, a terra, os mares,
Ao teu lado medita n'esses mundos,
Que povoam os campos do infinito,
Lendo os mysterios do Senhor profundos,
Lendo o nome de Deus em tudo escripto.

Outras vezes, por ti arrebatado,
Vôa aos ceos, ó archanjo d'harmonia,
E vê de perto o sempiterno dia,
Só para os seres divinaes criado,
E o sol, e outros soes de ardente prata,
Arrojando atravez da immensidade,
Em caudal e perenne cataracta,
Mares de deslumbrante claridade.

Ah! quem, liberto das prisões terrenas,
Alma de fogo tem que alcança tanto,
Azas para ascender ao lume santo,
Olhos capazes de gosar taes scenas,
Não vive, não, no ambito mesquinho,
Que lhe cabe entre as baixas criaturas,
Mas segue solitario o seu caminho
Para as soberbas, immortaes alturas;

E pela multidão, qual sombra passa,
Ao mundo preso pela vil materia,
Lamentando-lhe as dores, e a miseria,
Que os ferros a gemer e a rir abraça;
E a multidão, ingrata, presumpçosa,
O vê passar, e, escarnecendo, o aponta,
Emquanto elle na lyra harmoniosa
A eternidade seus segredos conta.

Mas que importam os ditos de sarcasmo,
A prepotencia, a ingratidão, a injuria,
A quem arrosta o carcere, a penuria,
E a morte com sublime enthusiasmo?
Se é Camões, pela patria perseguido,
A patria immortalisa, e morre pobre;
Se é Tasso, miseravel, foragido,
Com a luz do seu nome a Italia cobre.

Assim vive entre os homens o poeta,
Sempre livre, qual livre pensamento,
Grande na desventura, e no tormento,
Martyr, cantor, apostolo, profeta;
E se o prostram no tumulo gelado,
Depois de tanto opprobrio, e tanta guerra,
Mais livre fica, e, espirito sagrado,
Ala-se aos astros, allumia a terra.

Lisboa.

J. Ramos Coelho.

RESENHA NOTICIOSA

Exposição typographica. Projecta-se para o dia 25 de julho do corrente anno, anniversario da Associação Typographica Lisbonense, uma exposição de productos typographicos e artes correlativas, a qual se verificará em parte do edificio do antigo convento do Rato, que hoje pertence á Imprensa Nacional. A iniciativa d'esta exposição é devida á referida Associação Typographica, o que não deixa de ser um symptoma de vida n'esta associação, que quasi se tem limitado ao soccorro mutuo, permittindo-lhe aliaz a sua lei alargar e promover todos os progressos da arte typographica. Esta exposição terá um caracter puramente nacional, devendo figurar n'ella trabalhos produzidos em todos os pontos do paiz, onde se cultive a arte typographica e suas correlativas. Para este fim é nomeada uma grande commissão de socios de todas as classes filiadas na associação, a qual auxiliará os trabalhos da exposição. Serão admittidos, além dos trabalhos typographicos propriamente ditos, como composição e impressão, fundição de typos, gravura de diversas especialidades, lithographia, encadernação e brochura, livros technologicos da arte typographica, papel de impressão, tintas typographicas e lythographicas, photographia, machinas e utensilios typographicos e lythographicos. Com o desenvolvimento que estes ramos da industria portugueza teem tido n'estes ultimos dez annos, é de esperar que se possa organisar uma exposição importante, que venha honrar a industria portugueza em geral, e a arte de Guttemberg em especial.

Luiz F. Figaniere. Falleceu no dia 24 de janeiro ultimo, em New York, na idade de 73 annos, o sr. Luiz F Figaniere que, n'aquella cidade exerceu o cargo de consul de Portugal por espaço de 28 annos. O sr. Figaniere foi para New York com 18 annos de idade, e pouco depois alli casou com uma filha do sr. Pentz D. Rozat. A familia Figaniere é bem conhecida em Portugal como uma das mais illustres e cujos membros teem dado notavel contingente para a diplomacia portugueza. O sr. Joaquim Cesar Figaniere, irmão do fallecido, foi por muitos annos ministro portuguez nos Estados Unidos, e seu sobrinho, o sr. Frederico Figaniere, exerce actualmente egual cargo em S. Petersburgo.

Exposição agricola de Lisboa em 1884. A commissão executiva d'esta exposição reuniu no dia 14 do mez findo, e o sr. Estevão d'Oliveira, presidente, fez o relatorio dos ultimos trabalhos, que foi approvado. N'esta reunião tomaram-se, entre outras, as seguintes resoluções: — que se procedesse á elaboração do relatorio, que deverá ser impresso e distribuido na sessão solemne da distribuição dos premios aos expositores; que essa sessão se realise com toda a solemnidade, no palacio da exposição a 3 de maio proximo, e com a assistencia de SS. MM., previamente convidadas para esse acto; que sejam convidados todos os expositores premiados a virem pessoalmente receber os seus premios n'esse dia, sollicitando-se das direcções dos caminhos de ferro uma reducção nos preços das passagens aos referidos expositores, a fim de que todos possam assistir a esta festa do trabalho sem maiores sacrificios. A commissão já apresentou a SS. MM. el-rei D. Luiz e D. Fernando estas deliberações, que SS. MM. acolheram com o maior agrado, promettendo toda a sua valiosa cooperação e sua presença na sessão solemne.

Livraria. Vae ser vendida a livraria que pertenceu ao sabio professor da Universidade de Coimbra dr. Augusto Filippe Simões, que a fatalidade roubou á vida em fevereiro do anno passado. Consta-nos que n'esta livraria ha alguns exemplares raros. O leilão principia no dia 13 do corrente, e o sr. Antonio Pires, na rua do Visconde da Luz, 12, em Coimbra, fornece o catalogo a quem o pedir.

Mina de ouro. No monte Morgan, proximo de Stkholmston, descobriu-se um filão de ouro, avaliado em alguns milhões de libras.

Principe de Galles. O jornal *Le Nouvelliste* de Lyon, publicou um telegramma de Nice, datado de 17 de fevereiro, em que dá a noticia de um attentado contra a vida do principe de Galles, por occasião da sua estada em Nice. Diz que o principe escapou milagrosamente á morte. Parece que este attentado terá relação com a offerta que os fenianos fizeram de 48:000 francos pela cabeça do principe de Galles. Não se póde dizer que para a Inglaterra corram os tempos muito propicios.

Tremores de terra. Tem continuado em Hespanha, na provincia de Andaluzia. Em Alhama tem cahido mais casas e o estabelecimento de banhos que escapára aos primeiros abalos.

Fanatismo. O sr. Ricardo Moreno, redactor do «Correio de Alijó», soffreu um grave ataque á sua pessoa e propriedade por um bando de homens de Sanfins, em consequencia d'aquelle cavalheiro ter publicado no seu jornal um artigo contra uma torpe especulação que alguns individuos de Sanfins estavam fazendo com o cadaver d'um moleiro, que diziam ter morrido com cheiro de santidade. Os amotinadores fanaticos, ou especuladores ignorantes e da ignorancia, queriam matar o sr. Moreno e destruir-lhe a imprensa, o que teriam conseguido se não fosse a resistencia que lhe oppozeram alguns individuos de Alijó, correndo com a sucia para fora da villa. É verdadeiramente lamentavel que ainda hoje occorram factos d'esta natureza.

A festa do Orpheon em beneficio dos andaluzes. Realisou-se no dia 23 de janeiro, no theatro de S. João, do Porto, um brilhante concerto dado pela sociedade Orpheon Portuense, em beneficio dos povos de Andaluzia. O concerto foi executado em presença da mais escolhida sociedade portuense, que alli concorreu com o seu obolo para os andaluzes e a sua admiração pelos distinctos executantes que n'elle tomaram parte. A execução foi magistral tanto por parte das damas como por parte dos cavalheiros, e todos á porfia abrilhantaram a festa com os seus notaveis recursos artisticos. O preludio da cantata *Patrie* e a symphonia da opera-comica *Suzana*, do sr. Alfredo Keil, mereceram os mais enthusiasticos applausos, porque a execução foi completa e a musica do sr. Keil um verdadeiro primor. Os espectadores chamaram por vezes o sr. Keil para o applaudirem e este offereceu ao sr. Moreira de Sá um riquissimo *bouquet*. Esta festa que representa, em primeiro logar, uma obra de caridade, representa tambem um grande progresso, pelas provas brilhantes que o Orpheon Portuense deu, como uma das sociedades de amadores de musica mais distinctas do paiz. Consta-nos que esta sociedade prepara para o mez de maio um grande concerto, que realisará tambem do theatro de S. João e em que será executada a cantata *Patrie*, completa. Desde já felicitamos o maestro e o Orpheon Portuense pelo bom exito que é de esperar obtenham.

Conferencia de Berlim. Terminou os seus trabalhos no dia 26 de fevereiro a conferencia internacional de Berlim, sendo encerrada pelo principe de Bismarck, que exprimiu por essa occasião o grande prazer que tinha pelo amigavel accordo a que todas as potencias alli reunidas tinham chegado, felicitando especialmente Portugal, que, se não conseguira quanto desejava, era todavia certo o ter obtido grandes vantagens no reconhecimento definitivo de territorios que até aqui lhe eram contestados. Muito obrigado. Entretanto não podemos deixar de fazer reparo nas palavras do illustre diplomata, que denunciam uma contradicção flagrante com a declaração que de principio fez no seio da conferencia, quando disse que a questão magna da mesma conferencia era a liberdade de commercio, e não a contestação de dominios africanos que estivessem na posse de qualquer potencia. Esta declaração, feita em plena conferencia, era evidentemente dirigida a Portugal, como o que maiores dominios tinha sob a sua protecção. Se elle os tinha e a conferencia não se reunia para lh'os contestar, como poderemos acreditar na seriedade das palavras do principe de Bismarck, quando nos felicita por não termos perdido tudo, mas só parte, do que, por direito de descoberta e vassallagem dos povos, desde quatro seculos se acha sob a nossa protecção. Nós tocamos muito de proposito n'este ponto a fim de confirmarmos o que n'este mesmo logar se disse na primeira noticia sobre a conferencia de Berlim. Posto isto, elucidemos agora os nossos leitores sobre o accordo a que, depois de reiteradas diligencias por parte das potencias, muito especialmente França, Allemanha e Inglaterra, chegou Portugal com a Associação Internacional Africana ou Novo Estado do Congo (fóra do Congo!) com respeito aos limites de territorio e cedencia de margem no rio Zaire, a fim de que aquelle estado do futuro, podesse ter um porto para o seu

commercio. Para este fim foi no dia 14 de fevereiro assignada uma convenção pelos plenipotenciarios marquez de Penafiel, barão de Courcel e coronel Stranch, firmando os limites portuguezes; ao norte, pelos districtos de Molembo e Cabinda, uma linha que vae de Ponta Vermelha até Chibuanda, no interior, e d'alli até á confluencia do Lucula com o Chiluango; ao sul, formando a fronteira N. e NO. da provincia d'Angola, na parte que era contestada (!), o curso do Zaire até Ango-Ango, além de Noky, depois o meridiano correspondente até o parallelo d'este ponto, esse parallelo até o Quango e este rio. E assim alcançou o Novo Estado do Congo *(sic)* uma margem no Zaire, cedida parte por Portugal e parte pela França. Apesar das boas palavras do principe de Bismarck, cremos que ninguem ficou satisfeito, mesmo aquelles que nada perderam senão o tempo, porque ninguem acredita nas boas intenções *humanitarias* da Associação Internacional Africana, principiando pelo proprio sr. Bismarck, que tanto a bafejou e a acariciou, até conseguir para ella foros de potencia. A Associação deve-lhe estar muito reconhecida, e como a ingratidão é negra, ella saberá ser grata á Allemanha, para que ao menos nem tudo n'ella seja *negro.*

Os CANTORES PORTUGUEZES ANDRADES. Estes notaveis artistas, que ultimamente teem obtido os maiores applausos no theatro lyrico do Porto, diz-se que estão em contracto para irem cantar no theatro lyrico de Vienna d'Austria em companhia da celebre cantora Sembrich, que ha pouco se fez ouvir em Lisboa e no Porto.

FALLECIMENTO. No dia 22 do mez findo falleceu no hospital militar da Estrella o sr. Constantino José da Cunha, zeloso funccionario da secretaria da guerra, onde ha mais de vinte annos era secretario da commissão de fundos a cargo da 6.ª repartição. O seu funeral realisou-se no dia 23, sendo o feretro levado na carreta funeraria militar, que já descrevemos em o n.º 192 do OCCIDENTE, com uma estampa, por occasião do primeiro funeral que se realisou com ella, importante melhoramento introduzido no serviço dos funeraes do exercito, e que dá áquelles actos uma verdadeira feição militar e um aspecto respeitavel. Effectivamente o funeral, a que concorreu um numeroso acompanhamento, composto de todos os collegas e amigos do finado, na maior parte de patentes militares, foi imponente. Duas extensas alas de convidados precediam o feretro, conduzido na carreta funeraria, que ia coberta com a bandeira nacional. Este funeral, assim organisado, tinha toda a seriedade e respeito proprios do acto e um caracter verdadeiramente militar.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

PARECER SOBRE O PROJECTO DE MELHORAMENTOS DO PORTO DE LISBOA. Relator Rodrigo Affonso Pequito, publicado pela Junta Geral do Districto de Lisboa, 1884. Este bem elaborado parecer é de todo o ponto favoravel ás obras que convém emprehender no porto de Lisboa, e sobre as quaes, já n'este logar, expendemos a nossa opinião, quando nos referimos ao livro do sr. Miguel Paes «Melhoramentos de Lisboa e seu Porto».

LES MATINÉES ESPAGNOLES, *nouvelle revue internationale européenne, par mr. le baron Stock.* N.os 1, 2 e 3 relativos ao 5.º vol. Estes numeros são illustrados com os retratos de Don Manuel Silvela e Ernest Renan e a sua collaboração litteraria é das mais distinctas, como já o temos demonstrado com o summario de outros numeros, que temos por vezes publicado.

RELATORIO DA COMPANHIA DAS AGUAS DAS PEDRAS SALGADAS, em 31 de dezembro de 1884, Porto. Pela leitura d'este relatorio, desenvolvidamente elaborado pelo sr. Antonio Teixeira de Sousa, medico-director do estabelecimento hydrologico de Pedras Salgadas, se conhece, além do estado economico da companhia, os beneficos resultados obtidos pelo emprego das aguas das Pedras Salgadas no tratamento de varias doenças. Em o nosso numero antecedente publicámos uma gravura das Pedras Salgadas com o artigo respectivo, em que se dá perfeito conhecimento d'estas aguas.

COSTUMES PORTUGUEZES — UM TRAJE DE MULHER, NA ILHA DO FAYAL
(Desenho de M. de Macedo)

REVISTA SCIENTIFICA, publicada pela sociedade Atheneu do Porto. N.os 1 e 2 correspondentes aos mezes de janeiro e fevereiro. Inserem grande variedade de artigos scientificos firmados pelos srs. A. Schiappa Monteiro, J. M. Rodrigues, Brito Limpo, A. Ben-Saude, J. Pereira de Sampaio, A. J. Ferreira da Silva, H. Teixeira Bastos, Virgilio Machado, Oliveira Martins, Jayme de Magalhães Lima, Virissimo d'Almeida, etc. É uma publicação de subido merecimento.

GUIMARÃES-ANDALUZIA, publicação em beneficio dos terramotos na Andaluzia, pela commissão de soccorros vimaranense. Tem 8 paginas de grande formato, e muitos artigos e poesias de merecimento. O *Guimarães-Andaluzia* é mais uma manifestação do grande desejo que se desenvolveu em Portugal de, por todos os modos, angariar donativos para a pobre Andaluzia.

A VIDA DAS FLORES, edição de David Corazzi, Lisboa. Com o fasciculo 60, já distribuido, concluiu a publicação d'esta formosa obra, que veiu adornar as delicadas estantes de muitas leitoras portuguezas. Dizemos leitoras, porque a indole d'esta obra interessa especialmente ás senhoras, que por meio de uma leitura essencialmente amena e perfumada, em que tem ainda a abrilhantal-a 60 lindas estampas em chromo, representando outras tantas flôres, podem instruir-se sobre essa parte do reino vegetal, que tanto nos attrahe e captiva os sentidos.

A MODA, publicação trimensal illustrada com figurinos em phototypia e offerecida aos consumidores da real e imperial chapelaria a vapor de Costa Braga & Filhos. O numero que temos presente é relativo á estação de inverno, e insere 17 modelos de chapeus fabricados no estabelecimento dos srs. Costa Braga & Filhos, no Porto, que é uma das mais importantes fabricas d'este genero, no paiz.

O INDUSTRIAL PORTUGUEZ. *Revista mensal illustrada para Portugal e Brazil.* Proprietario e director, Carlos A. dos Santos Affonso e Augusto C. C. Moraes. N.º 2 do 1.º anno, Porto. De ha muito que se fazia sentir a falta de uma publicação d'este genero, em Portugal, e a muitos espiritos não tem passado desapercebida essa necessidade, mas a difficuldade ou quasi impossibilidade de reunir elementos para uma publicação que corresponda cabalmente ao titulo que esta tomou, dada a insufficiencia ainda da industria portugueza, pela maior parte empirica, sem meios scientificamente certos e seguros de producção, tem feito hesitar sobre um tal emprehendimento que tivesse a seriedade precisa e que fosse a verdadeira expressão da industria portugueza. Se accrescentarmos a isto que os proprios industriaes são, salvas honrosas excepções, os que menos se interessam pelo assumpto, poderemos concluir quanto é espinhosa a tarefa que o *Industrial Portuguez* se propoz. O n.º 2 publicado é uma prova d'esses espinhos, porque dando relação de um grande numero de machinas extrangeiras applicadas á industria, dando noticia de alguns processos industriaes, com o que todos aproveitam, a respeito de industria portugueza... nem palavra. É, porém, natural que a direcção do *Industrial Portuguez*, dando este titulo ao seu periodico, conte poder occupar-se de assumptos da industria portugueza, e por isso, a par do ensino industrial e da vulgarisação das machinas e outros meios productores em geral, trate em especial da nossa industria, dos seus progressos e innovações, no que prestará um bom serviço ao paiz, que tanto carece de fazer prosperar o seu trabalho e de tornar conhecidos os seus progressos industriaes. Quem conseguir uma publicação n'este genero é um benemerito, e muito folgaremos que o *Industrial Portuguez* conquiste aquelle titulo.

RECTIFICAÇÃO

No artigo biographico do finado conde da Silva Monteiro, publicado no n.º 220 d'esta folha, diz-se que a estufa existente na quinta que aquelle titular possuia na Lavandeira, fôra construida na Fundição de Massarellos, quando o foi nas officinas da conceituada Fundição do Ouro, pertencente ao sr. Luiz Ferreira de Souza Cruz & F.os

O OCCIDENTE publicou em tempo uma gravura d'aquelle elegante trabalho, que faz honra não só á industria nacional como á fabrica dos srs. Souza Cruz & F.os

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.